

[Ano]

Modelos psicológicos e fases do desenvolvimento



Realizado por: Sofia Esteves

OBJECTIVOS:

Objectivo geral

No final deste módulo, o formando deverá ser capaz de enunciar os modelos psicológicos do desenvolvimento da criança.

Objectivos específicos

O formando deverá ser capaz de:

Definir o conceito de Psicologia do desenvolvimento;

Caracterizar as teorias do desenvolvimento;

Diferenciar os seus pressupostos teóricos.

Conteúdos programáticos:

Teoria psicanalítica (Freud)

Teoria do Ciclo vital (Erickson)

Teoria da maturação (Gessel)

Teoria Cognitiva (Piaget e Brunner)

Teoria Cognitivo – social (Vygotsky)

INDICE

Psicologia do desenvolvimento.....	6
Conceito	
Objecto	
Modelos psicológicos do desenvolvimento.....	7
Teoria psicanalítica (Freud).....	7
Pressupostos teóricos	
Estrutura de personalidade	
Fases do desenvolvimento psicosexual	
Teoria do Ciclo vital (Erickson).....	12
Pressupostos teóricos	
Estádios do desenvolvimento psicossocial	
Teoria da maturação (Gessel).....	19
Pressupostos teóricos	
Papel das influências ambientais	
Desenvolvimento da personalidade	
Áreas do comportamento analisadas por Gessel	
Fases do desenvolvimento	
Teoria cognitiva (Piaget).....	23
Pressupostos teóricos	
Conceitos-chave	
Períodos/estádios do desenvolvimento	
Teoria cognitiva (Brunner).....	29
Pressupostos teóricos	
Etapas do desenvolvimento	

Teoria cognitivo – social (Vygotsky).....	31
Pressupostos teóricos	
Pensamento e a linguagem	
Bibliografia.....	34

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

O que é a psicologia?

Ciência que estuda o comportamento e as atitudes de um indivíduo, relativamente a ele próprio, aos Outros e ao Mundo em geral, tentando compreender as estruturas mentais.

O que é a Psicologia do desenvolvimento?

Ramo da psicologia que procura explicar as mudanças (transformações psicológicas) ao longo do ciclo da vida do indivíduo.

Objecto de estudo:

Fases do desenvolvimento

MODELOS PSICOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO



TEORIA PSICANALÍTICA de FREUD

A teoria psicanalítica tem como objectivo descrever o funcionamento e desenvolvimento da mente do Homem.

Esta teoria assenta nos seguintes pressupostos:

- O homem é influenciado pelos aspectos **inconscientes** da sua personalidade;
- Estes aspectos quando emergem desencadeiam um **conflito** interior, que provoca um sentimento de **angústia** no indivíduo.
- Os mecanismos de defesa são processos psíquicos mobilizados para fazer face a esta angústia.
- Este conflito pode ser caracterizado como uma luta entre duas forças opostas, onde o que está em causa é a obtenção do prazer.
- A **libido** pode ser definida como a energia sexual que nos move em busca do prazer, ou seja, da satisfação de um desejo (também definido por, **pulsão**), no sentido mais amplo e não exclusivamente genital.
- O indivíduo, desde o seu nascimento, move-se em direcção ao mundo, com o objectivo de se relacionar e satisfazer as suas necessidades, ou seja, obter prazer, através de determinadas zonas corporais, também designadas por zonas erógenas.

- A libido é organizada em torno dessas zonas erógenas, que vão variando ao longo do desenvolvimento do indivíduo.
- Cada fase do desenvolvimento corresponde a uma determinada zona erógena, daí designar-se por **fases do desenvolvimento psicosssexual**.

Estruturas dinâmicas da personalidade

A nossa mente ou estrutura mental divide-se em 2 níveis:

Nível consciente: corresponde à parte mais pequena da nossa mente (ou seja, à ponta do iceberg), onde estão alojados os elementos que nos dão uma percepção do Mundo e de nós próprios;

Nível inconsciente: corresponde à maior parte da nossa estrutura mental. Aqui estão alojadas as nossas pulsões que ao emergirem à consciência, nos provocam dor, ou angústia.

Este nível é composto por três estruturas ou sistemas: *id*, ego superego.

Id

Considerado o sistema mais primitivo que compõe a personalidade. É o reservatório de energia do indivíduo. Aqui estão alojados todos os impulsos ou instintos orgânicos (como comer ou beber) e os nossos desejos inconscientes (também denominados por pulsões).

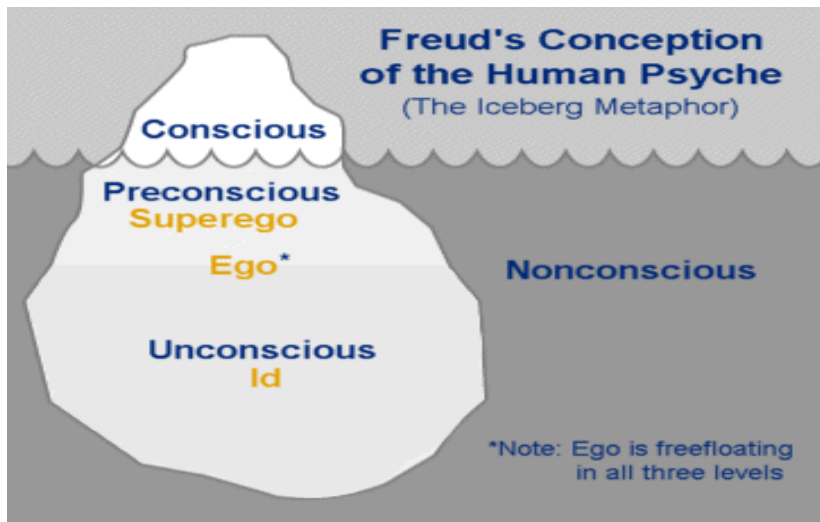
Rege-se sobretudo pelo princípio do prazer, ou seja, pela gratificação imediata dos desejos ou necessidades mais profundas.

Superego

Também designado por “grande juiz”, é o sistema responsável pela “estruturação interna dos valores morais” e das regras impostas pela sociedade.

Ego

Sistema que deriva do *Id*, mas que ao contrário deste obedece ao princípio da realidade. Serve de intermediário entre o *Id* e o superego e tem como função satisfazer as pulsões provenientes do 1º sistema de um modo adequado, adaptado às exigências do mundo real.

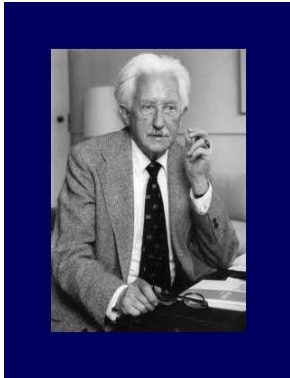


Esquema 1: Estrutura de personalidade segundo Freud (metáfora do "Iceberg")
(Nota: imagem retirado do *Google images*.)

Fases do desenvolvimento psicosssexual

Fases	Características
Fase oral	<ul style="list-style-type: none"> • 0 -1 Ano • Ao nascer, o órgão que a criança traz mais desenvolvido é a boca. É através desta zona que a criança satisfaz todas as suas necessidades, alimentares e afectivas. • Zona erógena: a boca • Esta divide-se em 2 subetapas: <ul style="list-style-type: none"> - Fase oral de sucção: A criança entra em relação com o mundo exterior através da Mãe/Seio, com quem mantém uma relação fusional de absorção. - Fase oral sádico-canibal: Com a eclosão dos dentes e da actividade de morder, a criança toma consciência da sua capacidade destrutiva e sente pela primeira vez uma ambivalência afectiva, ou conflito interior. Se por um lado ama a mãe, e amar significa absorver, por outro sente que a pode destruir, devido à capacidade recém-adquirida de morder.
Fase anal	<ul style="list-style-type: none"> • 18 Meses /2 anos – 3 anos • Fase marcada pela aquisição do controlo dos esfíncteres. • Este “treino da limpeza” pode ir de 1 a 3 anos. • Zona erógena anal • Os produtos anais adquirem para a criança um valor simbólico, dependendo do tipo de <i>feedback</i> que recebem do meio envolvente. “Se a criança ama e sente que é amada pelos seus pais, cada elemento que a criança produz é sentido como bom e valorizado.” (Rappaport, 1982) É este sentimento de adequação que vai permitir-lhe desenvolver a liberdade, e estimular a sua capacidade para produzir. • Esta fase divide-se em duas subetapas: <ul style="list-style-type: none"> - Domínio dos processos expulsivos (erotismo está ligado à evacuação) - Domínio dos processos retentivos (erotismo está ligado ao controle)

Fase fálica	<ul style="list-style-type: none">• 3 – 6 Anos• A curiosidade em torno dos órgãos genitais aumenta.• A masturbação torna-se frequente e natural.• Surge a preocupação quanto às diferenças sexuais.• E vulgarmente a criança também adota comportamentos exibicionistas.• Zona erógena: órgãos sexuais.• Fase caracterizada pelo aparecimento do conflito edipiano.• Em ambos os sexos verifica-se um sentimento de “inveja do pénis”.• Nos meninos o complexo de Édipo, é sentido como um conflito entre o desejo de possuir a mãe e o sentimento de culpa inerente ao desejo de fazer desaparecer o pai.• A resolução deste conflito passa pela renúncia à posse exclusiva da mãe, devido à angústia de castração.• Nas meninas a “inveja do pénis”, faz com que elas procurem no pai esse órgão tão valorizado e que desejem ter um filho com ele.
Fase latência	<ul style="list-style-type: none">• Entrada na escola – até à adolescência• A libido é canalizada para as realizações intelectuais e sociais, através do mecanismo de defesa mais evoluído, a sublimação.
Fase genital	<ul style="list-style-type: none">• A partir da adolescência• Estabelece-se um equilíbrio entre o Amor e o Trabalho/Serviço, ou seja, a libido é canalizada para ambos os aspectos que caracterizam a vida humana.• O indivíduo obtém prazer das suas realizações profissionais, e da sua sexualidade.• Fase em que o prazer é vivenciado de uma forma partilhada.• Desenvolvem-se relações estáveis, duradouras, maduras e responsáveis.



TEORIA DO CICLO VITAL de ERICKSON

Erickson analisou o desenvolvimento humano de uma perspectiva psicanalítica. No entanto, desviou o foco da sua teoria do *Id* para o Ego e introduziu um novo aspecto, a influência do contexto sociocultural.

Freud falava de conflitos inconscientes. Erickson, por sua vez, fala de **crises psicossociais**.

Segundo este autor o indivíduo, ao longo do seu ciclo de vida, vai atravessando várias crises egóicas, que lhe vão permitir construir uma noção de identidade.

Crise, etimologicamente significa transformação. É um “momento crítico”, na evolução de um indivíduo, pois corresponde ao período mais favorável para desenvolver uma capacidade, ou fazer uma aquisição. Neste caso em particular, pode traduzir-se no desenvolvimento de um “sentimento de” ou “sentido de”.

A resolução positiva de uma crise psicossocial confere ao indivíduo um sentimento positivo que reforça a sua noção de identidade, caso contrário, uma resolução negativa provocará sentimentos de frustração e fracasso, fragilizando o Ego.

Outras das nuances que podemos encontrar, relativamente à teoria freudiana, é que Erickson defende que estas construções de identidade que elaboramos desde a infância, não são totalmente fixas, ou seja, uma crise mal resolvida pode ser parcialmente alterada em fases posteriores do desenvolvimento.

O ciclo de vida, segundo este autor, está dividido em 8 estádios, designados por estádios de desenvolvimento psicossocial, ao longo do qual,

traçamos o plano de vida, este aspecto também é designado por **princípio epigenético**:

“ (...) esse princípio afirma que tudo o que cresce tem um plano básico e é a partir desse plano que se erguem as partes ou peça componentes, tendo cada uma delas o seu tempo de ascensão especial, até que todas tenham sido levantadas para formar um todo em funcionamento.” (Erickson, 1976)

Estádios do desenvolvimento psicossocial

Quadro síntese das crises psicossociais de Erickson em comparação com Freud:

Freud	Erickson	
Etapas	Faixas etárias	Crises psicossociais
Fase oral	0 - 1 Ano	Confiança básica x desconfiança
Fase anal	2 - 3 Anos	Autonomia x vergonha ou dúvida
Fase fálica	3 - 6 Anos	Iniciativa x culpa
Fase de latência	6 – 12 Anos	Indústria x inferioridade
Fase genital	Adolescência	Identidade x confusão de papéis
	Idade adulta jovem	Intimidade x isolamento
	Idade adulta	Generatividade x Estagnação
	Maturidade/ velhice	Integridade do ego x desesperança

Confiança básica x desconfiança

As aquisições desta etapa dependem do tipo de relação que se estabelece entre a mãe e o seu bebé.

É no seio desta relação que a criança vai iniciar a construção da sua consciência do Mundo e de si própria.

Se o bebé sente que a mãe lhe satisfaz as necessidades básicas (alimentares e afectivas), desenvolve uma consciência positiva do que a rodeia.

A criança adquire um sentimento de confiança, alicerçada na convicção de que a mãe é boa, eu sou bom, e por sua vez, tudo o que vier do mundo exterior também o é. Logo, se esta não for imediatamente atendida, e como já desenvolveu a crença de que a mãe volta, compreende que tudo leva o seu tempo para se concretizar, nascendo desta forma a esperança. Esta é a força básica que segundo Erickson se desenvolve nesta fase.

Se pelo contrário, a criança sentir constantemente que as suas expectativas quanto à actuação da mãe são defraudadas/frustradas, vai desenvolver um sentimento de desconfiança relativamente ao meio, idealizando-o como mau ou hostil.

No entanto, é natural e saudável, que a criança conviva com pequenas frustrações, aprendendo desta forma que nem todas as expectativas são realizáveis. Este aspecto que Erickson designou por *ordem cósmica*, é determinado pelas regras que regem o mundo.

Começa-se desta forma a traçar o caminho da construção do Ego, do desenvolvimento do auto-conceito, e estão criadas igualmente as bases para um posterior desenvolvimento da Fé.

Autonomia × vergonha ou dúvida

Neste estágio que corresponde à fase anal da teoria freudiana, a criança desenvolve o controlo esfinteriano, o que implica uma alternância entre dois processos psíquicos: a retenção e expulsão.

Todas as relações que a criança estabelece neste estágio reflectem estes dois aspectos.

Exemplo: nesta fase é perfeitamente comum, uma criança aninhar-se no colo da mãe e subitamente afastá-la; ou então observarmos uma criança a guardar um determinado objecto, e logo de seguida atirá-lo para o chão.

Esta sensação de poder, corroborada pela capacidade de elaborar produtos seus, e da liberdade de escolha quanto à doação ou retenção dos mesmos, é um dos passos dados em direcção à autonomia.

O controlo esfinteriano implica também ensinar à criança determinadas regras, como: “onde é que se deve defecar.” A aprendizagem destas regras sociais entre outras é uma das aquisições importantes deste estágio. Aqui, o papel dos pais é fundamental, pois para as ensinarem, vulgarmente utilizam dois tipos de estratégias: o encorajamento (que fomenta a autonomia) e a vergonha.

Utilizar excessivamente a **vergonha** como método, pode levar a criança a desenvolver sentimentos de inadequação, e estimular a dissimulação ou o descaramento, como mecanismos de defesa do ego.

A **dúvida** surge paralelamente à vergonha, só que neste caso a criança sente-se insegura quanto aos seus produtos, não sabendo avaliar se são bons ou maus.

A aprendizagem do controlo, seja do **autocontrolo** ou do **controlo social**, implica o nascimento da força básica da vontade.

Esta força manifestada na liberdade de escolha, é o essencial para o desenvolvimento da **autonomia**.

Iniciativa × Culpa

O desenvolvimento da **iniciativa** implica a aquisição da capacidade de definir metas e a perseverança para alcançá-las, ou seja, do planeamento e realização.

Os objectivos definidos, tal como no modelo freudiano, são muitas vezes impossíveis de alcançar. Exemplo: em plena vivência do complexo de Édipo a menina pode desejar ter um filho do pai.

O fracasso na realização destas metas faz com que a criança desenvolva um **sentimento de culpa** por duas razões:

- Sente-se incapaz de realizar aquilo a que se propôs;
- Ou tem consciência que aquilo que desejou não é socialmente aceitável.

Este aparente fracasso associado ao sentimento de culpa, permite à criança aprender a definir os seus objetivos, e a balizar as suas ações segundo a sua consciência moral.

Indústria ou diligência × Inferioridade

Este estágio corresponde à entrada na escola, que é o primeiro grande teste da criança, quanto à sua capacidade de ajustamento ao mundo laboral. Esta percepção designa-se por sentido de **indústria**.

A criança através das provas a que é submetida, estrutura os juízos sobre a sua capacidade individual de realização, da divisão dos trabalhos e toma consciência da diferença de oportunidades.

O prazer retirado da realização de uma determinada tarefa, desenvolve o sentimento de **competência, perseverança e recompensa**, alimentando o interesse quanto às perspectivas para o futuro, isto é, sei do que sou capaz, e que se for perseverante na consecução dos meus objectivos vou obter recompensas a longo prazo.

Se na realização de determinada tarefa surge o fracasso, da frustração vivida por não ter sido bem sucedido, desenvolve-se um **sentimento de inferioridade**, que leva o indivíduo a regredir para um estágio anterior do desenvolvimento, ou então a tornar-se um conformista que se submete a manipulações externas.

Identidade × Confusão de papéis

A construção da identidade neste estágio configura-se em três áreas:

- **Identidade sexual**
 - Estabelece-se com a definição genital do papel sexual assumido e com a aquisição de um sentimento de segurança quanto a esse papel, permitindo ao indivíduo estabelecer relações autênticas em fases posteriores do desenvolvimento.
- **Identidade profissional**
 - Desenvolve-se a partir da escolha vocacional e do estabelecimento de metas para o futuro, pois só através da realização profissional é que o indivíduo se sentirá um membro produtivo dentro do seu grupo social.
- **Identidade ideológica**
 - A necessidade de partilhar ideais e ser aceite por um determinado grupo, promove o envolvimento ideológico, que está na base da formação do grupo de pares na adolescência. Este envolvimento permite ao indivíduo definir o seu papel social, como membro activo na reconstrução do mundo.

A **confusão de papéis** característica desta etapa pode ter dois tipos de resolução:

- Resolução negativa:
 - O indivíduo pode regredir, por se sentir incapaz de encaixar no mundo adulto.
 - Ou pode projectar os seus traços identitários noutras pessoas, por não os conseguir suportar.
- Resolução positiva:
 - Alcançar o senso de identidade contínua, ou seja, desenvolver uma identidade estável e segura, coerente com as suas crenças e metas pessoais.

Intimidade × Isolamento

“Para além da identidade” é como Erickson designa as três próximas etapas.

Após construção da sua própria identidade, passamos à fase da associação ou união a outras identidades.

O sucesso desta união dependerá do estabelecimento de um ego seguro e estável, que não necessite entrar em situações de controlo ou projecções, para evitar o temor inerente às diferenças de personalidade.

Caso contrário, se o indivíduo não se sentir seguro de si, poderá preferir o isolamento à união, para preservar o seu ego, demonstrando medo de assumir compromissos ou problemas de intimidade.

Definição de intimidade:

“ (...) capacidade de confiar em filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos”. (Erickson, 1971)

Segundo Erickson é possível transpor estes aspectos inerentes às uniões amorosas, a todas as associações estabelecidas quer a nível profissional ou ideológico.

Generatividade × Estagnação

Este estágio é caracterizado pela tomada de consciência do indivíduo da sua capacidade de gerar (filhos, ideias ou produtos), e cuidar do que gerou – **generatividade**.

Este é o momento em que o indivíduo sente necessidade de ensinar tudo o que aprendeu. Esta transmissão permite-lhe tomar consciência, de que:

- tudo o que fez ao longo da sua vida valeu a pena;
- tem um sentido;
- e vai sobreviver através do seu legado.

Estagnação surge quando o indivíduo sente que nada produziu e como tal, não tem nada para ensinar desenvolvendo o que Erickson (1971) designa como, “uma sensação penetrante de estagnação e infecundidade pessoal.”

Integridade do ego × Desespero

Este estágio marca um período de reflexão, onde o indivíduo realiza uma retrospectiva da sua vida.

A vivência desta análise pode ser marcada pelo desespero, ou pelo sentimento do dever cumprido.

No primeiro caso, o indivíduo entra em desespero, pois sente que a sua vida está perto do fim.

A morte representa a impossibilidade do retorno. E não podendo voltar atrás, para corrigir os aspectos onde fracassou, o indivíduo desenvolve um sentimento de nostalgia e tristeza, que o vai acompanhar o resto da sua vida.

A vivência positiva desta crise implica a aceitação do seu ciclo de vida, e das realizações concretizadas ao longo do mesmo.

O indivíduo experimenta um sentimento de integridade, assente no pressuposto que a sua vida fez sentido, e como tal está na altura de transmitir a sabedoria adquirida.



TEORIA de MATURAÇÃO de GESSEL

Gessel defendia que a base do desenvolvimento é biológica ou maturacional, ou seja, dependia da maturação neurológica, muscular e hormonal do organismo.

Geneticamente, desde a concepção, herdamos um plano básico de desenvolvimento, que se desenrola através de sequências pré-ordenadas, ou seja, de uma forma metódica e obedecendo a determinados padrões gerais.

Estas sequências ou fases, são relativamente estáveis e como tal, é possível prever os comportamentos e capacidades que a criança desenvolve em cada uma delas.

As diferenças individuais são determinadas geneticamente e pouco se devem à Influência do meio, admitindo-se no entanto que cada criança tem o seu próprio ritmo e que este aspecto pode criar margens de variação dentro de cada faixa etária.

Papel das influências ambientais

Para Gessel um ambiente rico e estimulante, oferece à criança as melhores oportunidades possíveis.

Isto significa que lhe permite desenvolver as suas capacidades, até ao limite máximo.

Não alterando no entanto, o tipo de capacidades que a criança estava programada a desenvolver.

Podemos assim concluir que o ambiente influencia o comportamento, mas não o determina.

Desenvolvimento da Personalidade

Gessel define o tipo de personalidade de um indivíduo tendo em conta o seu tipo físico ou somático.

Segundo este autor existem três tipos somáticos básicos, com uma personalidade própria:

Endomorfo

Indivíduo gordo ou roliço, que se exercita para comer. Retira prazer sobretudo, do que come. O seu lema de vida é “vivo para comer”.

Mesomorfo

Indivíduo de ombros largos, solidamente constituído com um corpo atlético, que come para se exercitar. Retira prazer da actividade competitiva. O seu lema de vida é “vivo para me exercitar e competir”.

Ectomorfo

Indivíduo com uma estrutura delgada, aparência frágil, angulosa, de ombros caídos, com pernas e braços finos. Exercita-se e come para estar atento, observar, escutar e reflectir. Estas são as suas actividades mais importantes. O seu lema é “Como para viver”.

A formação da personalidade, ou processo de personalização (aquisição do sentimento da sua própria identidade), atinge o seu auge por volta dos 5/6 anos.

A criança nesta fase já se consegue ver tal como ela é, reconhece e sua própria identidade, ou seja, já desenvolveu o sentimento do “Eu”.

Podemos observar mais adiante, na descrição das fases do desenvolvimento, que por esta altura a criança, já consegue formar juízos valorativos quanto ao seu próprio comportamento, o que é um sinal indicativo da formação deste sentimento.

A partir desta fase, este sentimento é apenas lapidado, ou seja, torna-se cada vez mais nítido.

Áreas do comportamento analisadas por Gessel dos 0 aos 5 anos:

- Motora (postura, locomoção e preensão)
- Linguagem (todas as formas de comunicação, desde os gestos, sons e palavras)
- Pessoal-social (reações individuais aos outros indivíduos e aos meio envolvente)
- Adaptativa (capacidade para apreender elementos significativos de uma dada situação e de utilizar as experiências passadas e presentes na adaptação a novas situações)

Áreas do comportamento acrescentadas por Gessel a partir dos 5 anos:

- Actividade motora (actividade corporal no seu todo)
- Higiene pessoal (alimentação, sono, banho, vestir, saúde, eliminação)
- Expressão emocional (atitudes afectivas)
- Receios e sonhos
- Eu e o sexo
- Relações interpessoais (com os pais, irmãos, família em geral e com os seus pares, isto é, com outras crianças)
- Hobbies e passatempos
- Escola (desempenho académico, comportamento em sala de aula)
- Sensibilidade moral (censuras, reações a castigos e elogios, sentimento do bem e do mal, a verdade)
- Perspectiva filosófica (utilização do pensamento abstracto, ou seja, capacidade para reflectir sobre questões não palpáveis, como por exemplo, amor, vida ou a morte)

Fases do desenvolvimento

Para Gessel, sobretudo o 1º ano de vida é crucial no desenvolvimento da inteligência, afectividade e das relações sociais.

Qualquer perturbação nesta fase, se não for detectada atempadamente poderá pôr em causa o desenvolvimento de determinadas capacidades no decorrer das fases posteriores do desenvolvimento.

Quadro resumo das fases do desenvolvimento dos 0 aos 5 anos

Faixas etárias		Características
1º Ano	1º Trimestre	<ul style="list-style-type: none"> • 0-16 semanas • Ultrapassados os riscos pós-natais • Adquire o domínio dos 12 músculos óculo motores
	2º Trimestre	<ul style="list-style-type: none"> • 16 semanas às 28 semanas • Domínio dos músculos que sustentam a cabeça • Movem os braços • Demonstram a intenção de agarrar objectos
	3º Trimestre	<ul style="list-style-type: none"> • 28 às 40 semanas • Domínio do tronco e das mãos • Senta-se e manuseia objectos.
	4º Trimestre	<ul style="list-style-type: none"> • 40 às 52 semanas • Domínio das pernas e dos pés • Dos polegares e indicadores • Empurra e arranca objectos
Ao final do 2ºano		<ul style="list-style-type: none"> • Anda e corre • Articula palavras e frases • Controle da bexiga e intestino • Sentido rudimentar de identidade pessoal e de posse
Aos 3 anos		<ul style="list-style-type: none"> • Exprime-se por frases completas • Utiliza as palavras como instrumentos do pensamento • Manipula o ambiente ao seu redor • Temperamental
Aos 4 anos		<ul style="list-style-type: none"> • Questiona activamente e demonstra uma tendência para conceptualizar e generalizar • Rotinas domésticas = está bastante autónoma
Aos 5 anos		<ul style="list-style-type: none"> • Domínio motor amadurecido • Fala sem articulação infantil • Capacidade para contar longas histórias • Prefere brincadeiras colectivas • Orgulha-se de si mesma • Demonstra segurança nas relações sociais



TEORIA COGNITIVA de PIAGET

Epistemologia genética

Segundo esta teoria o desenvolvimento cognitivo resulta da interacção entre factores internos do indivíduo (biológicos / hereditários) e factores externos (meio envolvente), sendo o primeiro conjunto de factores determinante no processo de construção do conhecimento desde as suas formas mais elementares (esquemas sensório-motores) até aos níveis superiores (esquemas formais).

O ênfase dado à componente biológica faz de Piaget um maturacionista, visto que, tal como outros autores este acredita que o amadurecimento do organismo (maturação neurológica, muscular e hormonal) permite uma interacção cada vez mais complexa com o meio envolvente e por conseguinte uma adaptação mais ajustada à realidade.

Conceitos -Chave

Hereditariedade

Para Piaget a inteligência não se herda, constrói-se.

Ao nascer trazemos uma série de estruturas biológicas (sensoriais e neurológicas) que ao amadurecer e em contacto com o meio, nos vão permitir construir uma série de estruturas mentais ou esquemas.

Esquema

Estrutura de pensamento ou acção, que se desenvolve a partir das estruturas biológicas do indivíduo, com o intuito de organizar e dar respostas, cada vez mais adequadas aos estímulos provenientes do meio ambiente.

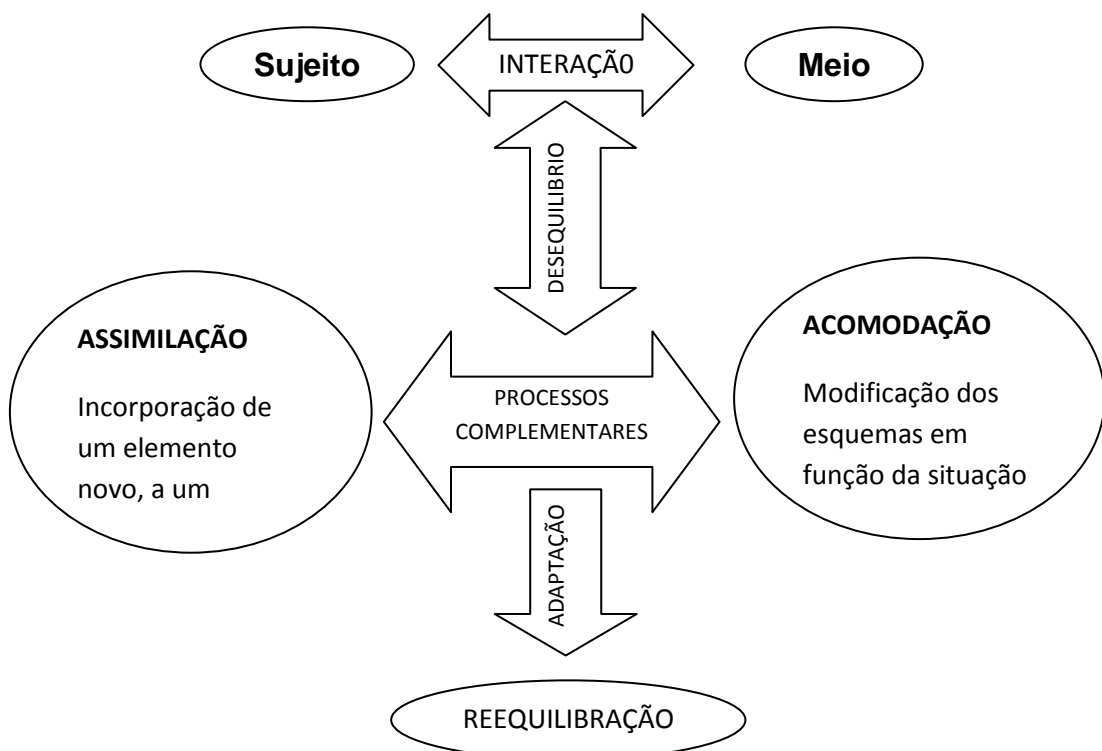
Existem esquemas simples e complexos, que podem referir-se:

- Acções motoras / comportamentos (ex: esquema de sucção)
- Representações mentais / imagens interiorizadas. (ex: esquema da representação mental de Mãe).
- Estratégias mentais de resolução de problemas (ex. esquema para a resolução de uma equação matemática)

Estas estruturas são dinâmicas, pois vão sofrendo modificações (ao nível do conteúdo) ao longo da vida do indivíduo permitindo-lhe uma adaptação cada vez mais eficaz, às exigências do meio.

Adaptação, assimilação e acomodação

O meio ambiente coloca o indivíduo constantemente à prova, provocando-lhe um estado de desequilíbrio. Para fazer face a esse desequilíbrio e dar uma resposta cada vez mais adaptada às solicitações do meio, recorre-se a dois processos complementares: a assimilação e acomodação.



Equilíbrio

O equilíbrio pode ser definido como um processo, a partir do qual o indivíduo organiza as suas estruturas mentais de uma forma coerente, com a finalidade de se adaptar à realidade

Períodos / Estádios de desenvolvimento

O desenvolvimento pode ser definido, segundo Piaget como um processo de equilibração progressiva, através do qual o indivíduo vai organizando os estímulos a que é sujeito

Cada estágio corresponde a uma faixa etária específica, que é caracterizada por determinadas aquisições mentais.

Período sensório- motor (0 - 24 meses)

Período marcado pela aquisição de esquemas sensório-motores, que irão permitir ao bebé uma organização inicial dos estímulos ambientais. Ex. Esquema de sucção

Egocentrismo inconsciente e integral

Ao nascer o bebé tem uma percepção muito limitada do Mundo exterior. O contacto que a criança mantém com o meio, realiza-se através da mãe, com quem mantém uma relação fusional. A mãe e o bebé são um só, ou seja, ela e o Mundo são um só, quer a nível físico ou psicológico, daí designar-se por egocentrismo integral.

Só mais tarde, ainda no decorrer desta fase é que criança começa a trabalhar no sentido de criar uma noção do “Eu” e a diferenciar-se do mundo exterior.

Através de um processo de auto-conhecimento, a criança vai construindo o seu esquema corporal, isto é, a ideia que forma quanto ao seu próprio corpo, e desenvolve o seu auto conceito.

No entanto, continua a observar-se o egocentrismo. Apesar de ela já conseguir realizar a diferenciação entre o “Eu” e a realidade externa a nível

físico, psicologicamente continua a sentir que ela e o Mundo são uma única coisa.

Por volta dos 9 meses, outra das aquisições deste período é a **noção de permanência do objecto**, ou seja, a criança sabe que um determinado objecto existe, independentemente da sua percepção imediata sobre ele.

Período pré-operacional (2 anos – 6/7 anos)

Período marcado pela aquisição de **esquemas simbólicos**, ou seja, pela capacidade de representar simbolicamente objectos, situações ou pessoas de diferentes formas, tais como:

- Utilizar um objecto como se fosse outro (ex. utilizar uma caixa como se fosse um telemóvel);
- Representar uma situação (ex. brincar às casinhas)
- Utilizar a palavra para representar uma pessoa, situação ou um objecto.

A aquisição da linguagem é efectivamente, um dos grandes marcos deste período.

Egocentrismo

A criança neste período continua a manifestar-se bastante egocêntrica. A sua visão da realidade continua bastante distorcida, confundindo frequentemente a realidade com a fantasia, sendo comum dar explicações animísticas ou artificialistas.

Explicações animísticas: atribuir características humanas a objectos, animais ou plantas.

Ex: “A boneca está com sono.”

Explicações artificialistas: atribuir causas humanas aos fenómenos naturais.

Ex. “Os mares foram feitos por homens.”

Socialmente começa a observar-se um progressivo desligamento da família. O interesse por crianças da mesma idade aumenta, no entanto, nas brincadeiras observa-se que elas estão juntas, mas não interagem.

Este aspecto advém do egocentrismo, pois a criança continua ainda tão auto-centrada, que tem dificuldades em observar o Outro, como alguém que tem sentimentos, atitudes e vontades diferentes das suas.

A linguagem apesar de já ser socializada, pois a criança já consegue manter diálogos, também é influenciada pelo egocentrismo. Observamos dois exemplos típicos:

- Falar dela própria na 3ª pessoa do singular (ex. “A Ana não quer sopa!”)
- Verbalizar em voz alta, o que está a fazer no decorrer de uma actividade. (ex. “O bebé papa.”)

Esta verbalização pode ser considerada como um treino dos esquemas verbais, ou como uma passagem do pensamento explícito para um pensamento interiorizado (conceptual).

Verifica-se ainda nesta etapa, que a criança ainda não consegue desenvolver esquemas conceptuais verdadeiros, cometendo **erros ao nível da noção de conservação de: quantidade, volume, massa e peso**. Esta distorção no julgamento das situações acontece, pois a criança responde baseando – se na sua percepção imediata, dada pelos órgãos dos sentidos.

Período operações concretas (7-11, 12 anos)

Período marcado pela aquisição de **esquemas conceptuais verdadeiros**.

Observa-se um declínio do egocentrismo intelectual, e um aumento do pensamento lógico. A criança começa a estruturar a realidade através da razão, pois já consegue fazer a distinção entre ela e o Mundo exterior.

Os julgamentos deixam de ser influenciados pela percepção imediata, e tornam-se conceptuais, permitindo a **aquisição da noção de conservação e de reversibilidade** (adquire a consciência que as operações mentais são reversíveis)

A utilização do pensamento lógico, permite igualmente à criança resolver determinadas situações sem recorrer a acções físicas.

Ao nível da linguagem observa-se um gradual declínio do egocentrismo.

Socialmente este declínio também se verifica.

A criança já terá desenvolvido a capacidade de perceber que os Outros têm necessidades, pensamentos e sentimentos diferentes dos seus, permitindo deste modo uma interacção mais genuína entre os seus pares (amigos da mesma faixa etária), ou adultos.

A flexibilidade mental permite-lhe adquirir a capacidade mental de compreender que os jogos têm regras.

Por fim, quanto aos julgamentos morais, observa-se uma maior tendência para a interiorização. Enquanto na fase anterior, os julgamentos eram realizados perante os actos praticados, agora entram em linha de conta as intenções subjacentes.

Período operações formais (12 anos – em diante)

Período marcado pela aquisição de **esquemas mentais abstractos**.

Adquire-se a capacidade de pensar tanto em termos abstractos ou concretos.



TEORIA COGNITIVA de BRUNNER

Brunner tal como Piaget, defendia que o desenvolvimento cognitivo se processava através do amadurecimento do organismo (maturacionista), e da interacção do sujeito com o meio ambiente (construtivista).

No entanto, este autor apelidou a sua teoria de **instrumentalismo evolucionista**, o que significa que o homem necessita de técnicas que lhe permitam evoluir, ou desenvolver-se.

Estas técnicas de elaboração da informação, permitem ao indivíduo traduzir as experiências proporcionadas pelo meio, em **sistemas de representação** que estejam ao seu dispor, tendo em conta a fase de desenvolvimento e o contexto cultural em que se encontra.



Para Brunner, o desenvolvimento cognitivo ou a passagem por estas etapas, pode ser acelerado se a criança se desenvolver num meio cultural e linguístico, rico e estimulante.

A ênfase dada ao papel dos factores socioculturais e da linguagem torna a sua teoria mais abrangente do que a do seu antecessor.

A linguagem vai ter um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, visto que, permite uma maior interacção com o meio.

Estes sistemas de representação correspondem às etapas de desenvolvimento, definidas por Brunner: respostas motoras, representação icónica e representação simbólica.

Etapas de desenvolvimento

1ª Etapa: Respostas motoras (0 - 3 anos)

Características:

- A criança utiliza a **acção** como meio privilegiado de **representação da realidade**;
- Conhece o que manipula;
- A aprendizagem é feita através da imitação de determinados comportamentos, passando de mecanismos reflexos simples e condicionados para automatismos (ou seja, movimentos corporais controlados)

2ª Etapa: Representação icónica (3 – 9 anos)

Características:

- A criança realiza uma **representação visual da realidade**;
- Utiliza as imagens que recolhe do meio exterior;
- A capacidade de reprodução dessas imagens depende de uma memória visual concreta e específica.

3ª Etapa: Representação Simbólica (a partir dos 10 anos)

Características:

- A criança representa **a realidade através da linguagem**.
- A manipulação dos símbolos, permite à criança não só desenvolver a capacidade para realizar a leitura da realidade, como também para transformar essa mesma realidade.

Para Bruner, o desenvolvimento cognitivo passa por uma construção progressiva da realidade, passando pelas diferentes formas de representação, descritas anteriormente.

As primeiras construções ou formas de representação da realidade são influenciadas por factores culturais. Só mais tarde, na 3ª etapa, é que o indivíduo adquire a capacidade de construir as suas próprias representações.



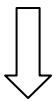
TEORIA SOCIOCULTURAL DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE VYGOTSKY

Vygotsky, defendia uma perspectiva construtivista do desenvolvimento, que designou por, **sócio-interacionista** ou **sociocultural**.

Segundo este autor, quer a aprendizagem, quer o desenvolvimento cognitivo, dependem do meio social.

A aprendizagem desenvolve-se por um processo de mediação, em que o adulto assume o papel de facilitador.

E o desenvolvimento cognitivo realiza-se através das interacções sociais e dos **instrumentos** utilizados, com o intuito de construir uma representação da realidade.



Instrumentos reais: canetas, papel, computadores, ...

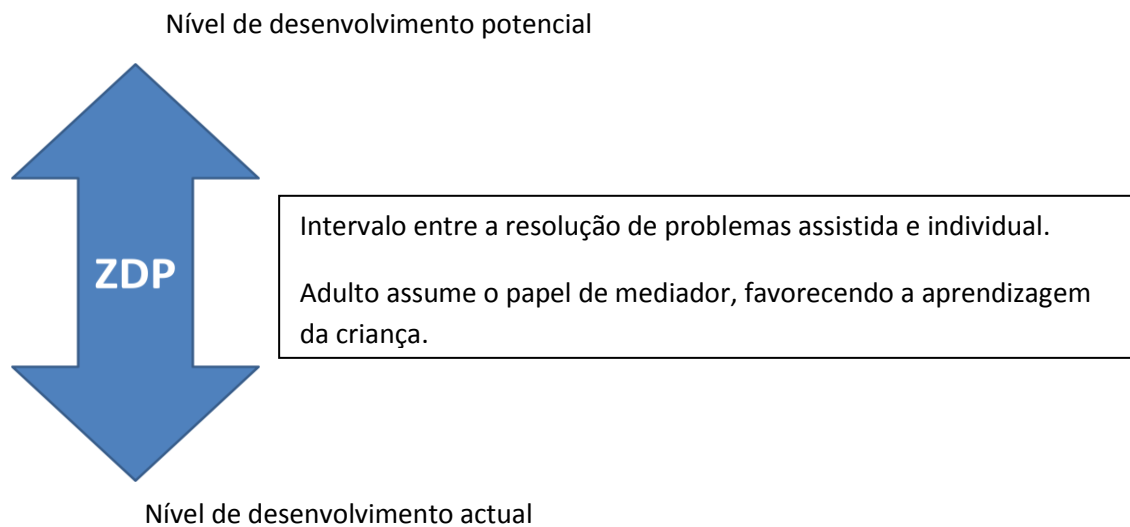
Instrumentos simbólicos: linguagem, sistemas matemáticos, signos.

Em síntese, para Vygotsky a criança organiza as suas experiências e constrói a sua representação do mundo através do **meio** e da **linguagem**.

Pressupostos que justificam as influências socioculturais:

- *O desenvolvimento não pode ser separado do contexto social;*
- *A cultura afecta a forma como pensamos e o que pensamos;*
- *Cada cultura tem o seu próprio impacto;*
- *O conhecimento depende da experiência social..*

ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL (ZDP)



Pensamento e a linguagem

A linguagem tem como função básica a comunicação. Permitindo a interacção social e a organização do pensamento.

O desenvolvimento desta capacidade passa por 3 fases:

1ª Fase: linguagem social

Que tem uma função meramente comunicativa.

2ª Fase: linguagem egocêntrica (por volta dos 2 anos)

Representa a fase de transição entre a função comunicativa e intelectual.

Nesta fase os pensamentos são oralizados no decorrer de uma actividade, não com o intuito de interagir, mas com a finalidade de organizar os pensamentos e solucionar determinados problemas.

A curiosidade infantil é um dos aspectos mais marcantes, tal como o enriquecimento do vocabulário.

3ª Fase: discurso interior

Fase em que as crianças adquirem a capacidade de “pensar nas palavras”, sem necessariamente as verbalizar.

O pensamento nesta fase tem por função criar ligações e resolver problemas, de uma forma abstracta. Verifica-se por vezes um desfasamento entre aquilo que se pensa e o significado das palavras. Esta situação leva a que o indivíduo tenha que realizar um maior esforço no sentido de transmitir o conteúdo do seu pensamento.

Vygotsky além destes aspectos, analisou a **esfera motivacional do pensamento**, concluindo que as nossas motivações, interesses, necessidades, sentimentos e emoções, vão influenciar de uma forma sobremaneira importante o que pensamos, dizemos e como o dizemos.

Analisando as fases do desenvolvimento da linguagem, conseguimos ainda compreender outro pressuposto básico da sua teoria. Este autor considera que o desenvolvimento ocorre sempre a dois níveis, primeiro ao **nível interpessoal** (ex. linguagem socializada) e depois ao **nível intrapessoal** (ex. discurso interior).

Nível interpessoal: a criança entra em contacto com o meio.

Nível intrapessoal: a criança entra em contacto com ela própria.

Bibliografia:

- Bruner, J. (1977) O processo da educação. Lisboa: Edições 70.
- Erickson, E. H. (1976) Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Erickson, E. H. (1987) Infância e Sociedade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Erickson, E. H. e Erickson, J. (1998) O ciclo da vida completo. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (2009). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 3º ed. Lisboa: Relógio d'Água.
- Freud, S. (1989). Textos essenciais da Psicanálise. 3 vols. Mem-Martins: Publicações Europa – América.
- Gessel, A. L. (1996). A criança dos 0 aos 5 anos. São Paulo: Martins Fontes.
- Gessel, A. L. (1996). A criança dos 5 aos 10 anos. São Paulo: Martins Fontes.
- Gleitman, H. (1997). Psicologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- N. Raposo (1995) "A teoria de Jerome Bruner e as suas implicações pedagógicas", in Estudos de Psicopedagogia. Coimbra: Coimbra Ed., Cap. II.
- N. Sprinthall e R. Sprinthall (1993) Psicologia Educacional. Lisboa, McGraw-Hill, p. 237-247.
- Piaget, J. (1997). A Psicologia da Criança. Porto: Asa.
- Rappaport, e tal (1982). Psicologia do desenvolvimento. 4 vols. São Paulo: E.P.U.
- Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S. M. e Gomes, A. (2011). Manual de Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem. Porto: Porto editora.
- Vygotsky, L. S. (1996) A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S.(1998) Pensamento e Linguagem. Rio de Janeiro: Martins Fontes.